

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos  
 Editor de *ELECTRICIDADE*

## Renascer em Guimarães

Parece incrível, mas é verdade: no passado mês de Outubro visitei Guimarães pela primeira vez. Fui movido pela 4ª Conferência Portuguesa de Controlo Automático, realizada na Universidade do Minho, onde assisti a deliciosos avanços científicos e tecnológicos em controlo, principalmente nas judiciosas observações de alguns especialistas estrangeiros (criteriosamente convidados pela APCA – Associação Portuguesa de Controlo Automático). Já ali tinha sido levado por um projecto de engenharia, mas pouco mais fiz do que almoçar. Desta vez, procurei visitar livremente a cidade. E senti que, de facto, “Aqui nasceu Portugal”.

Começava o ano lectivo e os jovens enchiam as ruas com as suas capas negras, curiosamente encimadas por um chapéu de três bicos, repescado de um estilo medieval. A praça da cidade histórica, onde encontrei lugar para ler a estória de uma *Princesa* (de D. H. Lawrence), estava cheia de uma juventude ainda humanizada (“sente-se avontade”, disseram-me). A conversa entre raparigas e rapazes fez-me descer aos tempos de estudo nos cafés. Revigorei do cansaço que me assaltava e vislumbrei o encantamento dos humanos. Foi aí que reflecti sobre o inferno da vida lisboeta, repassada nos últimos meses, onde se inscrevem incompreensíveis afrontas edepianas. Ao parar num café antigo, escrevi as ideias seguintes, breves e inofensivas, em torno dessa vida incompreendida (ou inútil?). Que me fizeram esquecer o martírio injustificado.

Nunca pensei que fosse verdade o que se lê nos livros classificados de ficção. Pois os ensaios sobre o conflito de gerações activas não dizem outra coisa. Mas a gente lê estas sínteses filosóficas num contexto tão globalizante que mal se apercebe das emoções associadas. E a única questão que fica (porquê?) não recebe resposta adequada.

Basta um ano para que tudo se modifique, de repente, do dia para a noite. A claridade em que andamos iluminados (nesta azáfama

social, tremendamente mutável) desaparece sem darmos conta, de um momento para outro. Os apoios desfazem-se, que as pessoas são substituídas, por esta razão (política?) ou aquele motivo (reengenharia?). E quando julgamos prosseguir um objectivo, defender uma causa válida, alinhar segundo um princípio suposto certo – somos submetidos à supeita, admitidos incapazes, senão mesmo corridos por má figura. Ainda por cima, tudo isto sucede a quem considera cultos os humanos que se inserem nos problemas do seu tempo. Mas que as novas gerações não percebem; e tendem a excluir, obstinadamente, na ânsia da sua ascensão atropelante, polarizada pela enebriada concorrência livre.

Por isso, desde há vários anos (que já excedem a dezena) tenho requerido o suporte institucional para fazer da revista *ELECTRICIDADE* um veículo de prestígio incontestável da Engenharia Electrotécnica em Portugal. Enquanto essas condições humanas e materiais foram negadas, procurei preservar a manutenção desta publicação, com o orçamento possível. Sempre disse (mesmo formalmente nas assembleias gerais) que o faria para manter a enorme riqueza do seu valor histórico ao abrigo da erosão consequente da inactividade. É que foi preciso muito esforço (e tempo) para atingir o mundo distante com o verbo português. E torná-lo apetecido. À leitura. À assimilação. À tradução. E à reprodução do génio electrotécnico. Sem interrupção, e com progressiva inovação.

Quem acompanhou esta labuta (nos leu) sabe disso. Ainda há bem pouco tempo travamos a luta da produção pelas novas tecnologias: a troca da composição a chumbo e ilustração por zincogravuras para o computador e impressão em offset. No caminho digital. Até que este ano atingimos a cor na totalidade das páginas. Tais progressos foram concertados com programas orçamentais rigorosos na sua pequenez, ano após ano, crescendo ao passo lento de 5% por ano.

O promotor desta iniciativa acompanhou tão modesta manutenção, em ténue desenvolvimento adaptativo, à espera de melhores dias. Porque o projecto original, lançado pelo Prof. Ferreira Dias, em 1955, nunca deixou de ser acarinhado pelos verdadeiros engenheiros electrotécnicos. Incluindo os dirigentes dos sistemas de energia eléctrica em Portugal. Só nos interregnos de gestão puramente económica (e financeira) têm surgido dificuldades. Por insensibilidade acerca dos interesses da Engenharia Electrotécnica. “Ainda se fosse uma revista de Economia ...”, então não haveria dúvidas ao indispensável suporte publicitário (ou financeiro). Como podem os doutos profissionais da gestão ser tão insensíveis à cultura daqueles que querem produzir nas suas empresas? Principalmente nos tempos modernos, à entrada do século XXI. Sob a pressão da educação permanente e da inovação tecnológica a ritmo acelerado.

Quando o desespero me esgotava, por completo abandono institucional e legítima perseguição dos credores na minha garantia confiante, sobretudo aqueles que trabalham sem retribuição do sustento merecido, eis que surge uma luz ao fundo túnel: a presidência do Grupo EDP foi ocupada por um Engenheiro Electrotécnico, seguindo-se logo o despacho que levou ao endosso da manutenção tradicional. Só que a surpresa acompanhou a “Erpressung” virtual de efeitos reais: aquilo que pedira, durante anos, apareceu como condição a aceitar, de repente. E o encantamento fez-se luz. Venham agora os filósofos explicar – que eu, simples engenheiro, não excedo pensamentos deficientemente aproximados. E lineares. A verdade é que, mesmo ao fechar esta edição, recebo a promessa do renascimento da *ELECTRICIDADE* à entrada do século XXI. A ver em Janeiro de 2001.

Um espanto, quando olho à vista. E, a pensar, até parece que renasci, no velho café “Milénário”, encostado à muralha acastelada onde Portugal nasceu. **E**